

O CINISMO E OS PROTÓTIPOS DE RISCO

Bruno Pereira Cavalcanti¹

Resumo: A filosofia como tendência, sempre buscou aprimorar sua capacidade de orientação. Ao acompanhar os cínicos fazemos exatamente isso: nada mais que seguir pistas, indícios, traços, não ditos, exibições. Porém, o que nos faz percorrer esse caminho mais uma vez depois de tanto tempo na história do pensamento? O cinismo é a experiência autofágica da filosofia, pois enquanto efeito puro se desvia das ilusões, esbarra nos erros para chegar à simplicidade própria da vida, despida, estéril e esvaziada. É em sua lida com o nada constitutivo do universo e da história, a incompreensão de sua existência, e a impossibilidade da transferência dessa experiência, que este ritmo se inscreve nos mundos. Ademais, devido a não realização do cinismo pela via teórica, ele reverte-se em prática da vida comum para o qual a vista se volta, agora. Nesse presente trabalho, é essa travessia no espaço, e sua estadia no tempo que o tipo de vida cínico nos interessa. Buscamos entender, a partir da ideia que Paulo Arantes cria de risco, e através do modo como Peter Sloterdijk dimensiona o cinismo a questão: como o impulso cínico resiste no espaço ao pesar do tempo? De um lado, o risco de lidar com um horizonte obscurecido, de outro a vertigem de dispor somente do próprio corpo como espaço de experiência, faz o pensamento realizar a trilha da história como um estreito percurso do qual não pode esquivar, e que, como se diz, é preciso seguir até o fim. É assim que vemos o cinismo como aquele que faz do *si mesmo* um protótipo, no sentido mais usual da palavra: aquele que se aplica à vida com suas próprias ideias e princípios e se alia ao que está disposto. A fórmula, *não há como ser hipócrita em seus prazeres*, é posta novamente em teste pelo cínico, no caráter emergente no qual a filosofia se encontra prestes a aplicarem-lhe uma anestesia.

Palavras-chave: Horizonte. Impulso. Vertigem.

¹ Graduando no curso de filosofia licenciatura na Universidade Estadual do Ceará – UECE. email: cartola_able@yahoo.com.br.

Cinism and risk prototypes

Abstract: The philosophy as a trend has always sought to improve its capacity for guidance. By following the cynics we do just that: nothing more than follow clues, clues, traces, not said, exhibitions. But what makes us travel this road again after so much time in the history of thought? The cynicism is the autophagic experience of philosophy, for as a pure effect it deviates from illusions, it comes up against errors in order to arrive at the simplicity proper to life, naked, sterile and emptied. It is in its deal with the constitutive nothingness of the universe and of history, the incomprehension of its existence, and the impossibility of the transference of this experience, that this rhythm is inscribed in the worlds. In addition, due to the non-realization of cynicism by the theoretical way, it reverts in practice of the common life for which the sight turns, now. In this present work, it is this crossing in space, and your stay in the time that the cynical kind of life interests us. We seek to understand, from the idea that Arantes creates at risk, and through the way Sloterdijk sketches cynicism the question: how does the cynical impulse withstand space in spite of time? On the one hand, the risk of dealing with an obscured horizon, on the other hand the vertigo of disposing only of one's own body as a space of experience, makes thinking realize the path of history as a narrow path from which it can not avoid, and which, as if it is said, one must go to the end. This is how we see cynicism as that which makes of itself a prototype, in the most usual sense of the word: that one who applies to life with his own ideas and principles and is allied to what is willing. The formula, there is no way to be hypocritical in its pleasures, is put to the test again by the cynic, in the emerging character in which philosophy is about to apply an anesthesia.

Keywords: Horizon. Impulse. Vertigo.

“Tentação comum a todas as inteligências: o cinismo.”

Albert Camus, A desmedida na medida

O expandir da mente torna o labirinto mais estreito (e o peito?)

E assim vão-se os dias, voltam as noites frias.

Despertando em morte, caminhando de surto em surto.

Equilibrando o cataclisma diário com o quanto pesa na balança esse silêncio...

(O vento sul me aponta o norte...)

Projetonave & Síntese, Em favor do réu

Dentre tantos começos possíveis para vermos o acontecer da história de uma tentativa como é a dos “cínicos”, uma boa imagem seria a da história tão repetida nas cidades: uma família se muda da casa onde viveu tantos anos para uma região totalmente nova onde se poderá tentar mais uma vez a vida. Apesar de todo o trabalho e correria que uma mudança exige os olhares dos que desempenham seus pertences se veem atentos com uma cena não só comum, mas digamos até esperada: a reação do cão que caiu da mudança. Não só pelo riso compartilhado com que se acompanha seu movimento, mas como mesmo em meio a tantos odores desconhecidos pode o cão reorientar o curso da sua existência indo por todos os lugares, sentindo os cheiros nos arredores, deixando ali também a sua marca. Então, um dia, ou uma noite, ele se perde de sua redondeza, encontre outras fortalezas para além dos muros de seu lar. Atraído por um estranho som quase imperceptível, impregnando sua intuição, mobilizando o seu corpo, fazendo a travessia de um caminho ainda mais sinuoso: a lembrança de seu antigo lugar e o seu incessante continuar.

A filosofia sempre buscou aprimorar essa capacidade de orientação. Talvez devido aos caminhos perigosos que trilhou e os outros com que se deparou. Ou como diria Ruy, rapidamente, o cinismo nos interessa na medida em que “trata-se de incorporar, por meio de árduos exercícios, o discernimento natural dos cães”. O cínico é aquele que opera o próprio corpo como propulsor com “a dura disciplina da autarquia (*autarkeia*), do autodomínio (*enkrateia*) e da liberdade de fala (*parrhésia*)”² faz de si campo de batalha. Se não se vive sobre a Terra de qualquer maneira, quem dirá no cosmos. E hoje sabemos como são rigorosas as viagens.

Procuraremos saber, portanto, que alianças se fazem nesse caminho (*rodós*) do pensamento e como o impulso cínico resiste no espaço ao pesar do tempo, nesta malha espessa e entrelaçada...

Onde estamos? Que horas são?

O cinismo enganchado na história das ideias aparece na contemporaneidade como indicador de uma crise da cultura em declive com as contradições do mundo capitalista, devastado, insaciado: o capitalismo enquanto “geocultura de legitimação” do humanismo como narrativa já perdeu sua validade. E na borda desse humanismo vemos proliferar outras potentes narrativas (zumbis, alienígenas, vampiros, androides, cyborgs, entre outros.) como variações daquela ideia de humano forjada no nascedouro da modernidade. Como bem afirma Sloterdijk “o homem nunca se encontra no ‘meio de sua essência’, mas se acha ao lado de si mesmo como *outro* em relação àquele que ele ‘propriamente’ era ou pode ser”³.

2 JÚNIOR, Ruy de Carvalho Rodrigues. De Kynismus a Zynismus: ou do latido pedagógico ao pessimismo cínico de Cioran. In: DEYVE, Redyson (Org). *Emil Cioran e a filosofia negativa: homenagem ao centenário de nascimento*. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 18

3 SLOTERDIJK, Peter. *Crítica da razão cínica*. Trad.: Marco Casanova, Paulo Soethe, Maurício Mendonça Cardozo, Pedro Costa Rego e Ricardo Hiendlmayer. São Paulo: Estação Liberdade, 2012. p. 93.

Os outros tipos da fôrma “homem” começam, pois, a funcionar tão melhor quanto mais velozmente se afastam da ideia de humanidade como aquilo que desembrutece o ser humano através de uma formação literária e amansadora – o mote do humanismo nos diz que “as boas leituras conduzem à domesticação”⁴. Contudo, irrompem na subjetividade corporeidades heterogêneas que encontram nos meios alternativos de síntese social – a radiodifusão, televisão, e internet – um espaço para si⁵. Aos poucos, vemos nosso corpo se desmanchar na substância secretada pelo organismo que é lentamente derretido por dentro pelo eco do pergunta: “quem, ou melhor, o quê é este eu que diz eu?”. Vemos ao longe, vindo uma onda desinibidora se aproximando, aparentemente irrefreável, e sem precedentes. Eis que a questão nos interpela: “o que ainda domestica o homem, se o humanismo naufragou como escola de domesticação humana?”⁶.

A fissura cavada pelo projeto humanista ao afastar, condicionar e tentar controlar a população iletrada, levando-a ao embrutecimento produziu quase uma diferença de espécie em relação àquelas subjetividades formadas na “alta cultura” da escrita. É para essa decisão política quanto à espécie que estamos sendo levados. E, desde então, para dar um suprimento a essa perda do idílio, nos servimos da política e da economia como instrumentos para decidir sobre o sentido da criação como modificação da face do mundo e realocação de seus habitantes. Aliás, a nossa história poderia ser vista pelo olhar do que se perdeu, de quais dívidas não foram pagas, quais promessas não foram cumpridas, que cumplicidades foram dilaceradas, que corpos nos foram ocultados. A animalidade do homem aparece aí, em seu fracasso de ser e permanecer animal, na recusa de ser aquilo que é, nesse cíclico recomeçar da existência. Essa derrota na tarefa de se tornar animal nos colocou na encruzilhada entre um adestramento eficaz ou uma criação, que nos permitisse formular um novo código de antropológicas capaz de alterar o invólucro que nos reveste.

A política pensada por Sloterdijk tem em vista não a mera domesticação de rebanhos relativamente dóceis, mas uma maneira de lidar com o perigoso interesse em “uma neocriação sistemática de exemplares humanos mais próximos dos *protótipos ideais*”⁷. Alguns veem na tomada de posição de Sloterdijk um afastamento do pós-

4 SLOTERDIJK, Peter. *Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. Trad.: José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação liberdade, 2000. p. 17.

5 O tom ficcional dessas narrativas ganha um peso maior porque a ficção nos vem perguntar de que real se trata, admitindo antes níveis, gradientes de realidade, do que um único lugar para o real. “[...] no estridente término da era nacional-humanista experimental mais uma vez uma florescência tardia; tratou-se aí de uma renascença planejada e reativa, que forneceu o padrão para todas as pequenas reanimações do humanismo desde então. Não fosse o pano de fundo tão escuro, dever-se-ia falar de um surto de fantasias e autoilusões.” SLOTERDIJK, Peter. *Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. Trad.: José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação liberdade, 2000. p. 15.

6 SLOTERDIJK, Peter. *Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. Trad.: José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação liberdade, 2000. p. 32.

7 SLOTERDIJK, Peter. *Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. Trad.: José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação liberdade, 2000.p. 50. Contra as interpretações extremadas Sloterdijk ainda acrescenta mais adiante: “Para o leitor moderno – que lança um olhar retrospectivo para os ginásios humanistas da era burguesa e para a eugenia fascista, ao mesmo tempo em que já espreita a era biotecnológica – é impossível desconhecer o caráter explosivo destas considerações.” p. 55.

humanismo crítico, sob a alegação de que o autor acredita uma suposta criação intensiva da perfectibilidade humana. Segundo Felinto e Santaella, “Sloterdijk lança a hipótese, veemente criticada, de que hoje a engenharia genética restaria como a única forma viável de neutralizar as tendências humanas ao barbarismo e bestialidade”⁸. Mas, agucemos mais ainda nossos ouvidos: e se trouxermos a função oculta da criação, ou seja, a disputa entre os criadores e seus projetos criogênicos, como mais uma ocasião de se dar alguma forma à irreversibilidade do nosso destino? A que voz ainda se poderá atender se ainda formos capazes de ouvi-la?

Albert Camus soa bem sedutor quando nos indica que a criação “tira o espírito de si mesmo e o coloca diante de outro, não para que se perca, mas para mostrar-lhe com um dedo preciso o caminho sem saída em que todos estão comprometidos”⁹. Podemos encontrar aqui um vetor para ler o cinismo como esse limiar onde a teoria e sua vista cansada busca com o tato um acesso a práticas menos viciadas em sua autojustificação. O problema colocado por aquele que cria é o de como adquirir um saber-viver para além de um saber-fazer. A criação aqui não oferece saída alguma, não é uma resolução dos problemas que enfrentamos. É antes um sintoma da grande vontade de viver. “A aprendizagem é muito mais uma questão de *erga*, que de *logoi* ou *mathémata*”¹⁰. A inteligência ordenadora libera os movimentos pungentes do *pathos*, para obter a força para erguer mais uma vez os pesados portais que podem lhe dar passagem e estadia.

A filosofia em sua versão cínica nos ensina a “estar preparado para enfrentar todas as vicissitudes da sorte”¹¹. É assim que Diógenes toma o saber filosófico, alterando o estatuto da sua aplicação. Epicteto nos diz claramente do que se trata a atividade da filosofia, em seu *Encheirídion*¹²:

O primeiro e mais necessário tópico da filosofia é o da aplicação dos princípios, por exemplo: “Não sustentar falsidades”. O segundo é o das demonstrações, por exemplo: “Por que é preciso não sustentar falsidades?”. O terceiro é o que é próprio para confirmar e articular os anteriores, por exemplo: “Por que isso é uma demonstração? O que é uma demonstração? O que é uma consequência? O que é uma contradição? O que é o verdadeiro? O que é o falso?” Portanto, o

8 FELINTO, Erick. SANTAELLA, Lucia. *O explorador de abismos: Vilém Flusser e o pós-humanismo*. 1. Ed. São Paulo: Editora Paulus, 2012. p. 147.

9 CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Trad.: Ari Roitiman e Paulina Watch. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 111.

10 JÚNIOR, Ruy de Carvalho Rodrigues. De Kynismus a Zynismus: ou do latido pedagógico ao pessimismo cínico de Cioran. In: DEYVE, Redyson (Org). *Emil Cioran e a filosofia negativa: homenagem ao centenário de nascimento*. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 23.

11 LAËRTIOS, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução do grego, introdução e notas: Mário da Gama. 2. Ed. Reimpressão. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008. p.168.

12 Como nos diz Dinucci e Julien na apresentação do texto de Epicteto, “o termo grego *encheirídion* se diz do que está a mão, sendo equivalente ao termo latino *manualis*, ‘manual’ em nossa língua. Significa também ‘punhal’ ou ‘adaga’, equivalente ao latino *pugio*, arma portátil usada pelos soldados romano atada à cintura.” DINUCCI, A. JULIEN, A. *O Encheirídion de Epicteto*. Archai n. 9, jul-dez 2012, p. 123.

terceiro tópico é necessário em razão do segundo, mas, o primeiro é o mais necessário e onde é preciso demorar.¹³

É bastante comum gastarmos nossos esforços e energias nos perdendo nas autoilusões contidas no terceiro tópico, e esquecemos completamente do primeiro. Os cínicos se encontram, ao contrário, bastante ocupados em estudar meticulosamente as vias da liberdade, espreitando as circunstâncias, e aprendendo como colocá-las à sua disposição¹⁴. É isso que pode se entender por aplicação dos princípios: saber dispor da própria vontade, atividade que se estende por toda uma vida tão longe quanto seu fôlego possa alcançar.

Diógenes, O Cínico, se apresenta como aquele cão que ao cair da mudança ousou mudar de vida. É na apreensão de sua solidão assistida e de sua liberdade vigiada que uma segunda mudança se inicia. O auge da vida filosófica idealizada na antiguidade pela figura de Sócrates nas veredas da razão é então difratado pela imagem de Diógenes nas sendas da loucura. Os cínicos se tornaram espectros que agora vivem a rondar como fantasmas os maquinismos modernos: “no coração do reaparecimento do cinismo na modernidade está a sua atávica relação com o outro da razão, ou seja, com a loucura e com o silêncio do *logos*”¹⁵. Habitando o avesso da existência o cínico vive a sua maneira de ser abrasado pelo sol¹⁶. Descobrimos, nessa via, a habilidade para o recomeço de existir, mudando a natureza de sua própria imagem, sobrevivendo à história, e vivendo para além dela.

O movimento cínico atinge um ponto secreto em que a anedota de vida e o aforismo do pensamento confluem num mesmo sentido. A “invenção” ensejada pelo cinismo

13 DINUCCI, A. JULIEN, A. *O Encheirídion de Epicteto*. Archai n. 9, jul-dez 2012, p. 132.

14 A fim de intuir como nos colocamos na direção do impensado, podemos ver como os motivos de Epicteto, de tomar a filosofia segundo a eficiência de sua aplicação, ressoam em Giordano Bruno Em uma passagem do seu “*Tratado de Magia*”, Giordano Bruno, no tópico “*Sobre os vínculos dos espíritos (a começar por aquele que tem origem na tripla razão do agente, da matéria e da aplicação)*”, nos diz que: “São três os fatores requeridos para que as ações sobre as coisas sejam levadas a bom termo: a potência ativa detida pelo agente, a potência passiva presente no sujeito ou paciente (ou seja, a disposição definida enquanto aptidão, ou ausência de repugnância, ou ainda a incapacidade de resistir; estes termos são redutíveis a apenas um: as potencialidades da matéria) e a aplicação apropriada às circunstâncias temporais e locais, e outros dados concomitantes; para resumir cada um desses fatores numa só palavra, falarei de agente, de matéria e aplicação. A ausência deste trio perpétuo estorvará de imediato qualquer ação.” BRUNO, Giordano. *Tratado da magia*. Trad.: Rui Tavares. São Paulo: Martins, 2008. p. 97.

15 JÚNIOR, Ruy de Carvalho Rodrigues. De Kynismus a Zynismus: ou do latido pedagógico ao pessimismo cínico de Cioran. In: DEYVE, Redyson (Org). *Emil Cioran e a filosofia negativa: homenagem ao centenário de nascimento*. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 20.

16 Podemos tomar um grande fôlego se lermos o que Albert Camus tem a nos dizer em seu prefácio tardio de sua primeira obra, publicado por ocasião de uma nova tiragem em 1957. Quanto a essa relação cosmológica solar e mediterrânea que estabelecia com sua África natal ele nos diz: “Para corrigir uma indiferença natural, fui colocado a meio caminho entre a miséria e o sol. A miséria impediu-me de acreditar que tudo vai bem sob o sol e na história; o sol ensinou-me que a história não é tudo. Mudar a vida sim, mas não o mundo do qual eu fazia minha divindade.” CAMUS, Albert. *O avesso e o direito*. Trad.: Valerie Rumjanek. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 18.

não foi um conjunto de doutrinas, muito menos um método, mas ele mesmo – uma demonstração concreta, porém, maleável, de um *modus dicendi*, uma maneira de se adaptar verbalmente a circunstâncias (usualmente *hostis*). E esse processo de invenção, essa retórica aplicada, que constitui o discurso cínico, um processo em que estratégia de sobrevivência e estratégias retóricas convergem e se misturam repetidamente.¹⁷

O que vemos no desenvolvimento do cinismo orientado por uso da oralidade é sua difusão na vida comum, um contágio do pensamento; uma maneira não intelectual de praticar a filosofia noutra instigação; uma “indissociabilidade entre *bios* e retórica”¹⁸. Isso o reveste de uma invisibilidade representativa, como um tipo corriqueiro de mágica que os ajuda a desaparecer silenciosa e rapidamente quando importunados.

A existência nas superfícies não tem nada a buscar na terra além dela mesma, e com o clima que se instala, já não conseguimos dizer com tanta precisão que horas marcam o relógio do pensamento. Poderemos ainda saber aonde vamos, mesmo sem saber onde estamos? É esse o desafio que o cinismo interpõe onde quer que se manifeste. A nossa disposição de caminhar poderá alterar a paisagem? Como num sonho onde cada passo dado modifica completamente o ambiente

O risco vertiginoso

Nessa altura da hora do mundo, com o tempo que nos resta, percebemos com um ruidoso barulho de explosão como a possibilidade de nossa aniquilação como espécie, levada a cabo ao longo de todo o século XX, deslocou drasticamente nossas expectativas quanto ao porvir. As bombas que dormem calmamente nos depósitos esperando outra grande verdade para voltar à tona, dão um tom de urgência às experiências que nos sobraram. Isso porque “a bomba não exige de nós nem combate, nem resignação; ela exige que façamos a experiência de nós mesmos. Nós somos ela. Nela se consuma o ‘sujeito’ ocidental”¹⁹. Fomos aos poucos sendo isolados em nosso próprio corpo até o momento em que sedimentaram na nossa pele o último limiar. A distensão se tornou o nosso único recurso para seguirmos rumo às águas não cartografadas do completamente outro. Nesse tempo de natureza diferente, como nos diz Paulo Arantes, “a distância entre expectativa e experiência passou a encurtar cada vez mais e numa direção surpreendente,

17 BRANHAM, R. Bracht. *Desfigurar a moeda. A retórica de Diógenes e a invenção do cinismo*. In: M-O. Goulet-Cazé e R. B. Branham (Orgs). *Os cínicos: o movimento cínico na Antiguidade e o seu legado*. São Paulo: Loyola, 2007. p. 102.

18 JÚNIOR, Ruy de Carvalho Rodrigues. De Kynismus a Zynismus: ou do latido pedagógico ao pessimismo cínico de Cioran. In: DEYVE, Redyson (Org). *Emil Cioran e a filosofia negativa: homenagem ao centenário de nascimento*. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 23.

19 SLOTERDIJK, Peter. *Crítica da razão cínica*. Trad.: Marco Casanova, Paulo Soethe, Maurício Mendonça Cardozo, Pedro Costa Rego e Ricardo Hiendlmayer. São Paulo: Estação Liberdade, 2012. p. 192.

como se a brecha do tempo novo fosse reabsorvida, e se fechasse em nova chave, inaugurando uma nova era que se poderia denominar de *expectativas decrescentes*”²⁰.

Instalamos-nos então numa crise permanente tão logo tomamos consciência do que a unificação do globo terrestre realmente nos trouxe. A noção de progresso começa a entrar em declive, e passamos a entender a Terra como esse ponto zero do deslocamento ao qual se remete o movimento. No momento em que se abandonou a encosta da praia para adentrar no espaço liso de todos os mares, e a se buscar implacavelmente o coração de todas as selvas, a noção de risco emerge dessa desventura exploratória. Paulo Arantes ao buscar identificar o instante histórico em que o horizonte contemporâneo do mundo começa a turvar e encurtar descobre a lógica mesma do Novo Tempo do Mundo, ou seja, “uma sociedade do risco que acarretaria precisamente uma tremenda reversão de todos os horizontes modernos de expectativa”²¹ Ao lidar com os comércios de longa distância a ideia de futuro politicamente calculável começa, pois, a ser arrastada por um inédito transcurso temporal.

Por vivermos em uma sociedade que herda da civilização industrial moderna o futuro como um depósito de esperanças, o conceito de risco é central para poder pensarmos como romper com nosso passado truncado. Ora, se a dinâmica do capitalismo é articulada por uma temporalidade direcional e em ascensão, podemos cair então na sua compulsão estrutural de empurrar o presente para frente. O que ocorre é um aprisionamento do futuro, que reforça a necessidade do presente, este, em erosão. “À medida, portanto, que o globo encolhe e os horizontes temporais se reduzem a um ponto em que só existe o presente, o horizonte de desejo tende a zero”²². Começamos então a busca pelos meios de ultrapassar esse espaço de tempo, em direção ao ainda não experimentável. Nesse nível de esterilidade encontramos no cinismo, mais sintomaticamente com Diógenes, a preparação para esse tipo de viagem incerta: sua prontidão é sua *aretê*.

Estranho demais pra estar vivo, raro demais pra morrer. É assim que faremos uma mínima *necromancia*²³, prática bastante comum em filosofia, ao invocar a corporeidade cínica, no sentido em que Sloterdijk nos sugere que “acima de qualquer necessidade tal como ele se apresenta, Diógenes poderia, antes, ser considerado o *protótipo* daquele que se vira sozinho.”²⁴ Mas, se Diógenes não é nem cão, nem homem,

20 ARANTES, Paulo Eduardo. *O novo tempo do mundo: e outros estudos sobre a era da emergência*. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2014. p. 67.

21 ARANTES, Paulo Eduardo. *O novo tempo do mundo: e outros estudos sobre a era da emergência*. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2014. p. 55.

22 ARANTES, Paulo Eduardo. *O novo tempo do mundo: e outros estudos sobre a era da emergência*. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2014. p. 75.

23 “Em sétimo lugar, fala-se de magia quando as adjurações ou invocações não se dirigem a demônios ou heróis, mas através deles às almas dos defuntos, de cujos cadáveres ou parte deles se recebem oráculos, adivinhando-se e conhecendo-se as coisas ausentes ou futuras; é esta espécie de magia chamada, por sua matéria e desígnio, *necromancia*.” BRUNO, Giordano. *Tratado da magia*. Trad.: Rui Tavares. São Paulo: Martins, 2008. p. 31.

24 SLOTERDIJK, Peter. *Crítica da razão cínica*. Trad.: Marco Casanova, Paulo Soethe, Maurício Mendonça Cardozo, Pedro Costa Rego e Ricardo Hiendlmayer. São Paulo: Estação Liberdade, 2012. p. 222.

nem ateniense, que raio de vida é essa? O que ele faz ao tomar as formas abstratas do homem e do cão é um movimento de dobragem dos dois, criando um protótipo e vinculando a uma força eficiente, ou seja, consegue entrelaçar natureza e vontade²⁵.

Interessamo-nos aqui na propulsão dada à ideia de protótipo na medida em vemos Diógenes como aquele que faz de si mesmo um protótipo, no sentido mais usual da palavra: aquele que se arrisca, que se põe em teste tendo em vista que o mais livre dos seres é o que tem a maior capacidade de ação. Há aqui outro modo de conectar a inteligência à felicidade e à ausência de necessidades. Como bem nos indica Sloterdijk

As épocas de crise crônica solicitam à vontade de viver dos homens que aceitem a permanente incerteza como o pano de fundo inalterável de sua busca pela felicidade. Eis o momento em que tocam os sinos do kynismos. Afinal, ele é a filosofia da vida em tempos de crise. É somente sob seu signo que a felicidade permanece possível em uma atmosfera de incerteza. Sua lição é a limitação das pretensões, a flexibilidade, a presença de espírito, a escuta do que se oferece no instante.²⁶

Podemos, agora, voltar ao diagnóstico que Paulo Arantes quando aponta para o obscurecimento do horizonte do mundo, sob a configuração do novo tempo, nos conduzindo a um futuro irreconhecível, inexperimentável, que “infiltrou-se no presente, prolongando-o indefinidamente como uma necessidade tão mais necessária por coincidir com um futuro que em princípio já chegou”²⁷. Precisariamos encontrar um tempo ainda mais interno que conhece apenas o agora, ao invés desse presente que nos espreme no vórtex das expectativas e reminiscências?

Fazer de si um protótipo é experimentar de maneira enteógena essa corporeidade contingente que se move nos interstícios do instante (*Aion*) “sem espessura e sem extensão que subdivide cada presente em passado e futuro, em lugar de presentes vastos e espessos”²⁸. Sua atitude indica uma involução, ao passo que “involuir é formar um bloco que corre seguindo sua própria linha, ‘entre’ os termos postos em jogo, e sob as

25 Para entendermos melhor esse jogo entre natureza e vontade, no sentido elencado por Giordano Bruno, quando nos diz que: “A força eficiente é dupla na sua essência: natureza e vontade. A vontade é tripla: humana, demoníaca e divina. A natureza é dupla: intrínseca e extrínseca. A natureza intrínseca é, em si mesma, dupla: a matéria, ou sujeito, e a forma, com a sua virtude natural. A natureza extrínseca é também ela dupla: é tanto a imagem da natureza, vestígio, sombra ou luz, como aquilo que sobra ou está à superfície do objeto (como o calor e a luz no Sol e noutros corpos quentes), e ainda aquilo que do sujeito emana e se escapa (como a luz, que, espalhada pelo Sol se encontra nos corpos iluminados, e o calor, que associado à luz no Sol, se encontra também nos corpos aquecidos)”. BRUNO, Giordano. *Tratado da magia*. Trad.: Rui Tavares. São Paulo: Martins, 2008. p. 40 – 41.

26 SLOTERDIJK, Peter. *Crítica da razão cínica*. Trad.: Marco Casanova, Paulo Soethe, Maurício Mendonça Cardozo, Pedro Costa Rego e Ricardo Hiendlmayer. São Paulo: Estação Liberdade, 2012. pág. 183.

27 ARANTES, Paulo Eduardo. *O novo tempo do mundo: e outros estudos sobre a era da emergência*. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2014. p.77.

28 DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Trad.: Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 69.

relações assinaláveis”²⁹. Neste ambiente hostil e todo-poderoso a orientação desse bloco em movimento se dá, pois, na diferença entre a expectativa e a atividade: enquanto no modo de expectativa o futuro vem de encontro a ele provocando contração e recolhimento, o contrário ocorre quando este mesmo bloco se põe em atividade e passa então a obter algum controle sobre os acontecimentos. Há precisamente neste último movimento um alheamento e uma expansividade resultantes da habilidade do cinismo em esticar-se, ou seja, em sua tática de fugir do tempo e se entremear no espaço.

Estar nesse presente perspectivado e repartido nos incita a buscar um lugar que não nos foi previamente designado, em que temos que inventar, achar, “imaginar um tempo do pensamento que seja sincopado e descontínuo”³⁰, para dizer com Bento Prado Jr. Na tentativa de olhar para além do quadro e imaginar todo um horizonte de expectativas, podemos lançar mão de Diógenes enquanto figura da vida como esgotamento do possível, pois “se viver pode ser concebido como uma experiência do possível”, nos fala Ruy sobre a queda do tempo, “então para aquele que, em todo possível experimenta o porvir como gasto, feito, realizado, tudo é vivido como ‘virtualmente passado, e já não existem nem passado nem futuro’”³¹. Paulo Arantes é preciso ao nos indicar o momento exato dessa queda em que uma geração foi marcada ao ser apartada de seu passado e privada de um futuro algures.

Ora, é essa experiência social conjunta do tempo e do espaço, o sistema de vasos comunicantes entre o olho que vê ‘em perspectiva’ e o horizonte coletivo de expectativa de que participa como filho de seu tempo, que começa a entrar em colapso com a primeira grande crise sistêmica da geocultura do capitalismo histórico, a Grande Guerra de 1914 a 1918 [...].³²

A guerra se apresenta a nós como um dever de memória, em que a lembrança se esforça em atualizar em nossos corpos a energia dessa cisão. Caímos, portanto, nessa temporalidade aberta exigida pela insônia desse pensamento constante que nos “impõe o abandono das esperanças voltadas ao por vir que não virá, e obriga a uma ruminação sem fim nem consolo sobre aquilo que não tem Outro, isto é, todas as coisas”³³.

29 DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *1730 – Devir-intenso, devir-animal, devir-imperceptível...* In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 4*. Trad.: Suely Rolnik. 2ª Ed. São Paulo: Ed. 34, 2012. p. 20.

30 PRADO JR., Bento. *Erro, ilusão, loucura: ensaios*. Comentários de Arley Ramos Moreno, Sérgio Cardoso e Paulo Eduardo Arantes. São Paulo: Ed. 34, 2004. p. 14.

31 JÚNIOR, Ruy de Carvalho Rodrigues. De Kynismus a Zynismus: ou do latido pedagógico ao pessimismo cínico de Cioran. In: DEYVE, Redyson (Org). *Emil Cioran e a filosofia negativa: homenagem ao centenário de nascimento*. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 33.

32 ARANTES, Paulo Eduardo. *O novo tempo do mundo: e outros estudos sobre a era da emergência*. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2014. p. 70 – 71.

33 JÚNIOR, Ruy de Carvalho Rodrigues. De Kynismus a Zynismus: ou do latido pedagógico ao pessimismo cínico de Cioran. In: DEYVE, Redyson (Org). *Emil Cioran e a filosofia negativa: homenagem ao centenário de nascimento*. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 34.

A nova emergência da discussão sobre o cinismo se dá por uma escolha em ajustar as pupilas e ver a vida como um rascunho incompleto e não mais como uma moldura definitiva. A vitalidade de uma existência estaria, portanto, naquilo que se pode reter durante seu incurso, por mais breve que seja, onde as perdas são as margens determinadas que balizam sua aceitação ativa do relativo. “Diógenes sustentava que a palavra ‘inválido’, devia aplicar-se não aos surdos e cegos, mas a quem não tivesse uma sacola”³⁴. Num mundo de riscos incalculáveis, em que o acaso e as transformações superam todo planejamento e onde as velhas ordens já não se acham à altura dos novos acontecimentos, sua existência encontra nessa fórmula uma espécie de aerodinâmica.

O uso do bastão e da sacola, já não expressaria o que há de mais basililar na linguagem, ou seja, no nível da designação o sim da mão que junta e o não da mão que afasta? E seu olhar fixo isolando aquilo que é percebido não seria como uma dimensão suplementar em que o tempo é deixado em segundo plano em função de um espaço ainda mais vasto? É nesse paradoxo entre uma intensa expressividade e uma extrema mudez que “o próprio silêncio, em última análise, guarda um sentido quando os olhos falam”³⁵.

Sua posição de anômalo lhe permite fazer um uso incomum da linguagem, entendida esta como prótese que se encontra prosteticamente instalada em nós. Vivendo como um mendigo, Diógenes recebe em contrapartida a *parrhesia* como “um tipo peculiar de privilégio conferido, paradoxalmente apenas pelo costume”³⁶ pela sociedade na qual se encontra, mas da qual não faz parte. Entendemos melhor agora a loucura específica do cinismo indicada por Platão³⁷, e que está relacionado à sua *ecolalia*, ou seja, à rima das palavras em dissonância. A nossa fala, nesse sentido, “não surge como um sopro da alma, mas é uma maquinaria combinatória que age por si mesma, além de que o aparelho fonador é um instrumento técnico instalado no corpo biológico por meio da usurpação de órgãos cujas finalidades originais não serviam à fala”³⁸. A contaminação que o cínico propaga é produzida do modo como se esgueira até aos ouvidos. O decisivo é sabermos que ou nos tornamos capazes de fazer um bom uso dessa prótese, ou então nos resta saber o que é isto que fala através da nossa voz, e em que tempo se expressa.

Por fim, segundo o que até aqui foi dito, se vermos na ideia de protótipo, retroativamente formulada por Sloterdijk, um investimento histórico posto em marcha na antiguidade como uma aventura, e recebido por nós com urgência, podemos entender a posição de risco que ele agora ocupa. E, temporariamente, nos coloca sob um novo

34 LAÉRTIOS, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução do grego, introdução e notas: Mário da Gama. 2. Ed. Reimpressão. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008. p. 160.

35 CAMUS, Albert. *O enigma*. In: *Núpcias, O verão*. Trad.: Vera Queiroz da Costa e Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979. p. 117.

36 BRANHAM, R. Bracht. *Desfigurar a moeda. A retórica de Diógenes e a invenção do cinismo*. In: M-O. Goulet-Cazé e R. B. Branham (Orgs). *Os cínicos: o movimento cínico na Antiguidade e o seu legado*. São Paulo: Loyola, 2007. p. 118.

37 “Alguém perguntou: ‘Que espécie de homem pensa que Diógenes é?’ A resposta de Platão foi: ‘Um Sócrates demente’”. LAÉRTIOS, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução do grego, introdução e notas: Mário da Gama. 2. Ed. Reimpressão. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008. p. 165

38 FELINTO, Erick. SANTAELLA, Lucia. *O explorador de abismos: Vilém Flusser e o pós-humanismo*. 1. Ed. São Paulo: Editora Paulus, 2012. p. 148.

olhar para aquela decisão política quanto a que modo de vida ainda pode vir a existir, como cultivo, no terreno árido da história. Isso devido ao fato de que no cinismo existe algo que nos desvia das escalas medianas que insistimos em criar, e nos faz ver as escalas sem limites que sustenta o movimento cínico, ou seja, a luz que aciona o protótipo do cínico é aquela falada por Camus, para o qual “é necessário nos voltarmos, abandonando nossos vínculos, para encará-la de frente, e que nossa tarefa, antes de morrer, é a de procurar, por entre todas as palavras possíveis, a correta denominação dessa luz”³⁹

Um protótipo se metamorfoseia na sociedade da qual se originou, a saber, a sociedade que lutou a Grande Guerra, e se perpetua resistindo com um corpo que não cabe nos enunciados que se remetem a ele: ele segue sendo um conteúdo sem expressão, ou uma simbiose singular para a qual os enunciados só o encontram obliquamente. Por outro lado, segue sendo uma espécie de vislumbre coletivo, algo que todos veem, mas não conseguem exprimir em toda sua intensidade, e por não ter atingido a homeostase com o organismo social, possui um quê de assignificância. É assignificante, provavelmente porque não se pode ainda dar um rosto⁴⁰ pra que se torne déspota. E o máximo que o seu gesto mais disseminado alcança quando nos pomos a observar o devir-ciborgue das pessoas nas ruas em seus celulares consumindo a informação como se fosse a melhor das mercadorias, é o rosto do indiferente, que esboça tão somente o esgotamento e o cansaço.

Considerações finais

A corrosão do humanismo pelos ares de uma brisa que se aproxima de nós em um forte compasso nos permite encontrar a capacidade distintiva de Diógenes: a de saber distinguir os instrumentos dos aliados. A modernidade nos ensinou o poder de manipular os instrumentos, e aprendemos como a razão pode ser um instrumento tão forte, ou o maior entre eles. Porém, Diógenes nos mostra como a recusa de alimentar a civilização trouxe a ele a possibilidade de encontrar nos cães os aliados que os homens não puderam ser para ele.

A fórmula, *nenhum homem é hipócrita em seus prazeres*⁴¹ é posta novamente em teste pelo cínico, no caráter emergente no qual a filosofia se encontra prestes a aplicarem-lhe uma anestesia. Pensar o protótipo é uma maneira de reverter esse uso da técnica, inventar outra desenvoltura não programada dos corpos enrijecidos.

39 CAMUS, Albert. *O enigma*. In: *Núpcias, O verão*. Trad.: Vera Queiroz da Costa e Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979. p. 118.

40 “Não somente a linguagem é sempre acompanhada por traços de rostidade, como o rosto cristaliza o conjunto das redundâncias, emite e recebe, libera e recaptura os signos significantes. É em si mesmo todo um corpo: é como o corpo do centro de significância no qual se prendem todos os signos desterritorializados, e marca o limite de sua desterritorialização. É do rosto que a voz sai [...] O significante se reterritorializa no rosto. É o rosto que dá a substância do significante, é ele que faz interpretar, e que muda, que muda de traços, quando a interpretação fornece novamente significante à sua substância. Veja ele mudou de rosto. O significante é sempre rostificado. A rostidade reina materialmente sobre todo esse conjunto de significâncias e de interpretações [...]” DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 2*. Trad.: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia leão. São Paulo: Ed. 34, 1995. p. 68.

41 CAMUS, Albert. *A queda*. Trad. Valerie Rumjanek. 8ª ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016. A queda, p. 51.

De tanto recomeçar nesse caminho criamos hábitos. Acordamos um dia e nos encontramos na embaraçosa situação de possuir sem verdadeiramente desejar. Talvez seja esse o peso morto da filosofia, em que a tática do cinismo nos convida a nos despojarmos desse excesso. O antigo problema de como chegar ao entendimento sem passar pela experiência convoca o corpo a se lançar numa outra dimensão de um plano em que o pensamento aproximativo é o único gerador de real. O cinismo nos ensina a destravar uma nova perspicácia para a investigação, onde o momento do que “ainda não se entende” possa talvez criar outro horizonte para o infinito que há em nós, e outro espaço para uma experiência de outro tipo.

BIBLIOGRAFIA

ARANTES, Paulo Eduardo. *O novo tempo do mundo: e outros estudos sobre a era da emergência*. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2014.

BRUNO, Giordano. *Tratado da magia*. Trad.: Rui Tavares. São Paulo: Martins, 2008.

CAMUS, Albert. *A desmedida na medida*. Trad.: Raphael Araújo e Samara Geske. 1ª ed. São Paulo: Hedra, 2014.

_____, Albert. *A queda*. Trad. Valerie Rumjanek. 8ª ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.

_____, Albert. *O avesso e o direito*. Trad.: Valerie Rumjanek. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____, Albert. *O mito de Sísifo*. Trad.: Ari Roitiman e Paulina Watch. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____, Albert. *Núpcias, O verão*. Trad.: Vera Queiroz da Costa e Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

DINUCCI, A. JULIEN, A. *O Encheirídion de Epicteto*. Archai n. 9, jul-dez 2012, PP. 123 – 136. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/123456789/742/1/Encheir%C3%ADdionEpicteto.pdf>. Acesso em 4 de Outubro de 2016.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Trad.: Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 2. Trad.: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1995.

_____, Gilles. _____, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 4. Trad.: Suely Rolnik. 2ª Ed. São Paulo: Ed. 34, 2012.

DEYVE, Redyson (Org). *Emil Cioran e a filosofia negativa: homenagem ao centenário de nascimento*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FELINTO, Erick. SANTAELLA, Lucia. *O explorador de abismos: Vilém Flusser e o pós-humanismo*. 1. Ed. São Paulo: Editora Paulus, 2012.

LAËRTIOS, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução do grego, introdução e notas: Mário da Gama. 2. Ed. Reimpressão. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

M-O. Goulet-Cazé e R. B. Branham (Orgs). *Os cínicos: o movimento cínico na Antiguidade e o seu legado*. São Paulo: Loyola, 2007.

PRADO JR., Bento. *Erro, ilusão, loucura: ensaios*. Comentários de Arley Ramos Moreno, Sérgio Cardoso e Paulo Eduardo Arantes. São Paulo: Ed. 34, 2004.

SLOTERDIJK, Peter. *Crítica da razão cínica*. Trad.: Marco Casanova, Paulo Soethe, Maurício Mendonça Cardozo, Pedro Costa Rego e Ricardo Hiendlmayer. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

_____, Peter. *Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. Trad.: José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.